

# CORTEJO CIRCENSE: TRAJETO FESTIVO

Alda Fátima de Souza Laborda<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo, objetiva apontar as diversas formas de um cortejo circense e suas funções no trajeto espetacular e festivo. A chegada do circo a uma cidade, transforma o espaço urbano em um espaço mágico e simbólico. É através da festa do cortejo inicial, que o circo apresenta à cidade como se dará o espetáculo. Ao longo do texto, enfoco a importância do cortejo para atrair o público, destacando de forma relevante o surgimento e o seu funcionamento até os dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cortejo – Circo – Festa – Estrutura.

**RESUMÉ:** De 2000 à mener des recherches sur le cirque des activités dans l'État de Bahia, un programme de bourses d'abord PIBIC, dirigé par le Professeur Eliene Benicio, intitulé "Le cirque et leurs techniques: l'importance des arts du cirque de formation de l'acteur." Depuis 2002, parmi les différentes techniques du cirque du monde, je me tourne sur la technique du clown. Cet intérêt a commencé quand, la recherche de cirques à Bahia, j'ai entendu parler d'un clown qui avait la manie de consigner dans un carnet tous les clowns, des comédies, des billets, des rediffusions et les gags qu'il savait ou appris à connaître son nom a été Clown Cadillac. J'ai découvert que ce clown a servi en tant que source de recherche pour plusieurs autres clowns et même plus le consulter quand ils oublié quelques slapstick. João Francisco da Silva, la Cadillac Clown, avait également été un photographe de "lèche lèche"<sup>2</sup>

C'est grâce à cette histoire intéressante qui limitent ma maîtrise projet de loi. Mais toutes ces recherches m'ont conduit au cirque du Centre de coordination des Arts du Cirque de la Fondation culturelle de Bahia, où il effectue actuellement des actions visant à promouvoir l'activité cirque, étant l'un des plus important projet "cartographie et de la mémoire du cirque Bahia." Les données partielles de ce projet ont été présentés lors du colloque «théâtralité du cirque: dramaturgies et des actions" menées par le Groupe de recherche et de la Tradition dans l'école de théâtre contemporain brésilien du Théâtre UFBA, le 04 Juin 2009, au Teatro Martin Gonçalves.

A également été présenté lors de l'inauguration de la Mémoire du Circus Center, à Sao Paulo. Était à la recherche d'amélioration dans les théories sur spectaculaire des cirques de Bahia, j'ai rejoint le ministère de la Fête et spectaculaire du Programme des diplômés en théâtre de l'université. Échanger des idées et des théories avec des collègues et des enseignants a beaucoup contribué dans la continuité de mes recherches. C'est à partir de textes, des expériences, des pratiques et des expériences en classe et au-delà circonscrire l'objet de cet article: "Circus Cortège: chemin festive", où j'explique les origines de ces processions, leurs fonctions et la manière dont ces événements se produit festivals dans les villes où le passage du cirque, changer complètement l'espace physique et symbolique de chaque localité.

**MOTS CLÉ:** Cortège. Cirque. Fête. Structure.

<sup>1</sup> Mestre em Artes Cênicas do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do Núcleo de Artes Circenses da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

<sup>2</sup> Le "lèche lèche photographe", également connu comme un photographe de jardin, souvent en utilisant un jardin à l'arrière des photos, est une extinction professionnel. Présent dès le

XIXe siècle dans les espaces publics des villes brésiliennes, ont un rôle important dans la popularisation de la photographie au Brésil. Il ya quelques explications sur l'origine du terme: lèche la plaque de verre pour voir quel était le côté de l'émulsion ou de lèche la plaque pour la fixer. Voir [http://pt.wikipedia.org/wiki/Fot%C3%B3grafo\\_lambe\\_de\\_blocs\\_à\\_lécher](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fot%C3%B3grafo_lambe_de_blocs_à_lécher).



## INTRODUÇÃO

Desde 2000 realizo pesquisa sobre as atividades circenses no estado da Bahia, inicialmente como bolsista do programa PIBIC, orientada pela Professora Doutora Eliene Benício, sob o título “O Circo e suas Técnicas: a importância da arte circense na formação do ator”. A partir de 2002, dentre as várias técnicas do mundo do circo, me ative a técnica do Palhaço. Esse interesse começou quando, ao pesquisar os circos na Bahia, ouvi falar de um palhaço que tinha a mania de registrar em um caderninho todas as palhaçadas, comédias, entradas, reprises e gags que ele conhecia ou vinha conhecendo, seu nome era Palhaço Cadillac. Descobri então, que este palhaço serviu como fonte de pesquisa para vários outros palhaços e mesmo os mais antigos consultavam-no quando esqueciam alguma palhaçada. João Francisco Silva, o Palhaço Cadillac, também havia sido fotógrafo “lambe-lambe”<sup>3</sup>

Foi através desta interessante história que delimito o meu anteprojeto de mestrado. Mas, toda esta pesquisa com os circos me levou a coordenação do Núcleo de Artes Circenses na Fundação Cultural do Estado da Bahia, onde atualmente realizo ações de fomento às atividades circenses, sendo uma das mais importantes o projeto de “Mapeamento e Memória do Circo na Bahia”. Os dados parciais deste projeto foram apresentados no Colóquio “Teatralidade Circense: dramaturgias e ações” realizado pelo Grupo de Pesquisa Tradição e Contemporaneidade no Teatro Brasileiro da Escola de Teatro da UFBA, no dia 04 de junho de 2009 no Teatro Martin Gonçalves.

Foi também apresentado durante a inauguração do Centro de Memória do Circo, em São Paulo.

Foi buscando aperfeiçoamento nas teorias sobre a espetacularidade dos circos na Bahia, que me

ingressei na Disciplina Festas e Espetacularidade do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA. Compartilhar pensamentos e teorias com colegas e professores contribuiu muito na continuidade das minhas pesquisas. É a partir dos textos, experiências, práticas e vivências em sala de aula e fora dela que delimito o tema deste artigo: “Cortejo Circense: trajeto festivo”, onde exponho as origens destes cortejos, suas funções e de que forma se dá estas manifestações festivas nas cidades por onde os circos passam, mudando por completo o espaço físico e simbólico de cada localidade.

## SURGIMENTO DOS CORTEJOS

Os povos mais antigos festejavam a boa colheita, através de cortejos nos quais se faziam presentes as danças e cantos. Com o passar dos anos, estes cortejos foram se tornando cada vez mais organizados. Os festejos mais difundidos são aqueles oferecidos ao deus Dionísio, pelo povo grego, em comemoração a colheita da uva. Foi durante um desses cortejos, que provavelmente, um corifeu se destacou, surgindo o primeiro ator do Teatro, seu nome era Téspis.

Estes cortejos eram realizados com máscaras, danças, músicas e muito vinho celebrando a fertilidade da terra, relacionando-a com a fecundidade humana, durante o período das colheitas. Então, desta forma, era muito comum durante estes festejos, uma enorme frequência de orgias sexuais, ocasionando o nascimento de muitas crianças. Talvez, com a finalidade de preservar o sentido ritualístico, por meio de uma “narração” histórica, os cortejos passaram a ter a seguinte composição: *kehorás* (coral ou coro) e *Corifeu* (líder do coro). Este Coro realizava o *Ditirambo* (Canto do Bode), no qual eram narrados os feitos de Dionísio. Inicialmente, considerado um ritual de cunho religioso, os cortejos foram se tornando cada vez mais festivos e populares.

## HISTÓRICO DO CORTEJO FESTIVO

A prática dos cortejos em diversas culturas, é registrada por meio de descobertas arqueológicas, nas quais se configuram celebrações pintadas em vasos, jarros, monumentos, templos, tumbas, pilas-

<sup>3</sup> O fotógrafo lambe-lambe, também conhecido como fotógrafo de jardim, por utilizar muitas vezes um jardim para o fundo das fotos, é um profissional em extinção. Presente a partir do século XIX nos espaços públicos das cidades brasileiras, teve um papel importante na popularização da fotografia no Brasil. Existem algumas explicações para a origem do termo: lambia-se a placa de vidro para saber qual era o lado da emulsão ou se lambia a chapa para fixá-la. Ver [http://pt.wikipedia.org/wiki/Fot%C3%B3grafo\\_lambe-lambe](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fot%C3%B3grafo_lambe-lambe).

tras e uma diversidade de artefatos. Ao longo dos anos, que se seguiram na Antiguidade, o ser humano não deixou de festejar, surgindo diversas formas de celebração por razões variadas, realizadas nas ruas e praças das cidades ou vilarejos.

O riso é inerente ao ser humano, por isso ele tem sido amplamente estudado pelos pesquisadores, das Artes Cênicas, Sociologia, Filosofia ou outras áreas do conhecimento. Estes estudos servem de base para uma análise mais detalhada da figura cômica do palhaço que já era visto na Europa durante a Baixa Idade Média circulando pelas ruas, como Bufões e Cantadores ou ainda nos palácios reais, como Bobos da Corte. Na obra de Bakhtin (1999) em uma ampla análise da obra de François Rabelais, o autor nos conduz ao entendimento das múltiplas características do grotesco. O riso era comum nas praças e vias públicas durante a Idade Média, explorando sempre o grotesco, o “baixo-ventre”.

É assim, que na Idade Média há uma variedade enorme de festas populares realizadas nas ruas: Festa do Asno, Festa dos Bobos, Festa dos Loucos e a maior de todas elas, O Carnaval. A provável quantidade de festas nas ruas das cidades medievais, se dá pela enorme repressão realizada pela Igreja Católica, onde sua maior justificativa era a de que “Jesus nunca riu” (MINOIS, 2003, p.120). Essa repressão é evidente quando “[...] em Lille, o conselho municipal proíbe os jogos, as danças em torno das fogueiras de São João, plantações de milho, as assembléias de paróquias nos anos de 1382, 1397, 1428, 1483, 1514, 1520, 1552, 1554, 1559, 1573, 1585, 1601.” (MINOIS, 2003, p.266). Mas, é a partir dos próprios festejos religiosos que os cortejos surgem nas procissões, via cruceiros e demais rituais realizados nas ruas.

É a partir da organização estrutural dos cortejos medievais, que os artistas mambembes introduzem pernas-de-pau, pirofagistas, equilibristas, acrobatas, contorcionistas e palhaços compondo um atraente cortejo embalado por músicas e danças, trazendo o riso desenfreado e a festa na sua essência para todos que assistiam ou aderiam aos cortejos.

Os comediantes da *Commedia Dell’Arte* muito contribuíram para disseminação dos cortejos durante a Média Idade Média e Alta Idade Média, aproximadamente século XVI. Esses atores e atrizes errantes compunham personagens com

habilidades acrobáticas, ensinado suas técnicas às gerações posteriores. Apresentavam-se de vilarejo em vilarejo, carregando em suas carroças tanto os elementos cênicos, quanto elementos da sua vida cotidiana. Em muitas companhias as carroças serviam de moradia, transporte e palco para suas apresentações. Encontramos na atuação destas companhias os elementos que também compõem o circo moderno. Mas, a *Commedia Dell’Arte* além, de tudo, teve forte influência na vida artística, pois deixou um legado de técnica, habilidade, profissionalização, improvisação e espetacularidade até hoje buscado por qualquer companhia teatral, circense, folclórica ou de dança. A exemplo desta linguagem universal, também legado da *Commedia Dell’Arte*, ocorrida em espetáculos modernos cito o espetáculo “O Sapato do Meu Tio”<sup>4</sup> na sua estrutura teatral, traz a linguagem circense, técnicas mambembes e uma forma de comunicação entendida em qualquer cultura ou língua, transformando este espetáculo teatral em um espetáculo universal. O espetáculo narra a história de um Tio e um Sobrinho. Durante suas peregrinações, o Tio vai apresentando espetáculos solo, executando com maestria números de malabares, patinação, acrobacias, palhaço entre outros. Nós parece a princípio, que a atitude do Tio para com o Sobrinho é um tanto cruel, mas, depois percebemos que o treinamento circense é algo que exige disciplina e vigor. Assim, os dois personagens podem ser qualquer dupla que se configura em um espetáculo: Augusto e Branco ou Arlequim e Puccinello, com conotação de que sempre há aquele que manda e outro que obedece.

A *Commedia Dell’Arte*, traz em seu repertório um personagem que era muito popular durante a crise que se abateu na Itália no início desse período – o Zanni – personagem cômico, pobre e que faz tudo por um prato de comida. Os Zannis tiveram vários nomes na composição da *Commedia Dell’Arte*, sendo o mais famoso, Arlequim. Arlequim era sempre o servo bobo e cômico que encontra em outra serva (Esmeraldina, Colombina ou Francisquinha) ou servo (Polichinelo ou Sganarello) um contra-

<sup>4</sup> Espetáculo teatral montado em 2005, na Bahia, sob a direção de João Lima e atuação de Alexandre Casali e Lúcio Tranchesí.



ponto para ajudar nas suas peripécias. Assim, surge a dupla cômica em que um é sempre mais esperto que o outro. Esse modelo se repete até os dias de hoje, na maioria das esquetes cômicas.

De acordo com Mário Bolognesi (2003), é na tradição da *Commedia Dell'Arte*, que se estende ao teatro de variedades, que nasce o *Clown Circense*: "...a partir da criatividade de um ator inglês do teatro de variedade, Joseph Grimaldi (1778-1837)".

Mas, é através da dupla circense Foottit e Chocolat que se consagra a dupla Augusto e Clown Branco, em meados do século XIX, sendo o Clown Branco, o autoritário, e o Augusto o atrapalhado e subserviente.

É através da fácil comunicação realizada pelos comediantes da *Commedia Dell'Arte* que o acesso a vilarejos, povoados, castelos e outros centros urbanos lhes permite "costurar culturalmente" uma "colcha de retalhos" vivida nestes locais durante a Idade Média e Renascimento da Europa até Ásia. Assim, os cortejos realizados pelos atores da *Commedia Dell'Arte*, têm fundamental importância na interface entre uma cultura e outra.

## O CIRCO

Os circos já eram famosos na cultura Greco-Romana cerca de três séculos antes de Cristo. Estes circos eram arenas que chegavam a abrigar até 250 mil pessoas, que se divertiam com os espetáculos dos gladiadores ou em batalhas entre homens e animais. Mas, "[...] foi na Inglaterra que se originou o circo moderno. Em 1769, um ex-escudeiro, Philip Astley, apresentou em Londres um espetáculo equestre, numa espécie de picadeiro que, dez anos depois, mandou cercar de arquibancadas, dando-lhe o nome de *Astley Royal Amphitheatre of Arts*." (Enc. Larousse Cultural, 1998, vol. 6 p. 1421)

O Circo moderno, com sua estrutura prática e desmontável, se tornou viável a partir das idéias do empresário Phineas Taylor Barnum, norte-americano que introduziu à estrutura circular uma cobertura dividida em "quartos" que melhor permitisse a itinerância e os espetáculos em dias de chuva.

Os circos itinerantes que hoje circulam por todo o Brasil, principalmente nas cidades do interior dos estados, seguem este padrão de estrutura dividindo-se em dois sistemas de montagem: Americano e

Pau Fincado, segundo pesquisa nº 09 – Circo Paulistano – arquitetura nômade do IDART-SP.

Independente do formato da lona, a estrutura de borda pode ser de dois tipos: americano e pau fincado. 1) No sistema americano a borda da lona é estruturada por uma série de conjuntos: a vara – que arma a lona – o tirante – que puxa a lona e a vara – a estaca – que prende o tirante no chão; seus nomes são respectivamente, pau de roda, ritinida e estaca de roda. [...] 2) O sistema de pau-fincado é autoportante, e estrutura-se independentemente da lona. É formado por uma série de conjuntos de varas de madeira: pau de roda, grade e ripa horizontal de roda. É na ripa horizontal que as bordas da lona são amarradas. (VARGAS et al, 1980, p. 65 e 66).

Este espaço organizado para abrigar os espetáculos circenses se torna um espaço festivo, com uma estrutura arquitetônica tão peculiar que as formas de armá-los e desarmá-los são passadas de pai para filho, de geração para geração. Dentro desta estrutura familiar, que é o circo, há técnicas e habilidades que são próprias deste universo itinerante. Laplantine (2007) em seu livro "Aprender Antropologia" classifica estas pequenas comunidades como "elementos microsociológicos". No cotidiano do circo as relações sociais, educacionais, a tradição e sua cultura se tornam algo completamente independente da cidade ou vilarejo onde estão instalados. Por isso, sempre são visto com o misto de admiração, exotismo e rejeição.

O Circo é a própria festa instalada dentro da cidade, modificando o cotidiano das pessoas durante o curto espaço de tempo de estadia. Desde a chegada, passando pelos espetáculos diários, a realização dos cortejos, a divulgação até a sua saída. O circo mexe e instiga a todos instaurando este clima festivo, mudando este espaço. "[...], pois o homem, arraigado a sua cultura liga-se antes de tudo aos locais onde se manifestam os elementos que animam a sua vida" (DUVIGNAUD, 1983, p. 55-56).

A transformação de um espaço dantes comum em um espaço festivo, para Duvignaud, ocorre pela percepção simbólica e cinestésica vivenciada tanto por aqueles que o habitam quanto para aqueles que por ali passam. Por isso, o Circo sempre traz um diferencial para cada cidade, quanto

também leva algo de diferente, caracterizando uma modificação cultural dos dois lados. Neste sentido, o circo traz a cada cidade uma ambigüidade festiva, pois ao mesmo tempo em que ela é construtiva, pode ser também destrutiva, conforme classifica Duvignaud (1983) que a festa possui “inexistência de regras” [...] “decomposição das normas” [...] e “[...] é a própria coordenação da destruição”. Esta destruição, caracterizada por Duvignaud, não significa a destruição de elementos materiais e sim de elementos sociais, sentimentais ou ritualísticos.

Por onde o circo passa traz alegria e esta alegria pode ser caracterizada como subversão, uma vez que nas cidades se estabelece que o importante é o meio de produção e produzir é algo sério. Os executivos, as secretárias, os bem-sucedidos, os empresários, funcionários públicos e toda uma gama de “profissionais” são sérios e nada têm em comum com o palhaço que anima o cortejo circense em um convite “absurdo” de que todos devem deixar de lado a “máscara social” e segui-lo em sua alegria tresloucada. Por isso, ser palhaço não é considerado uma profissão pelas demais “profissões sérias”. Isto também explica por que os primeiros a aderirem aos cortejos circenses são as crianças, pois ainda não comungam das regras sérias do contexto social estabelecido dentro das cidades.

A Festa aproxima as pessoas através do corpo grotesco exposto durante estas comemorações. Esse grotesco, essa “marginalidade” transforma a todos deixando-os no mesmo patamar social. É a partir desta entrega corporal, desta liberdade expressiva que o ser humano se mostra tal qual ele é. Assim, é a passagem de um circo pelas cidades, aceito ou rejeitado sempre causa polêmicas e “[...] transformações causadas pelo contato intercultural [...]” (DUVIGNAUD, 1983, p. 67)

O circo é o local que abriga, diversas linguagens, em alguns casos, diversos idiomas, diversas técnicas, compondo um mosaico espetacular. O circo é o local da diversidade e pluralidade cultural. Onde muitas regras são quebradas, possuindo códigos próprios. Fortalece laços, destrói outros, para depois estabelecer novamente. Isso justifica porque há tantas pessoas que querem “fugir” com o circo, pois a partir da beleza, magia e encantamento o circo convida-os a saírem da normalidade, do cotidiano, da mesmice.

## A FUNÇÃO DO CORTEJO CIRCENSE

O Circo é na sua essência itinerante, composto por artistas mambembes reunidos sob uma lona. Dentro desta principal característica do circo, o Cortejo Circense, tem uma função muito importante: cativar e informar a Chegada do Circo a cidade. Por isso, o circo apresenta neste trajeto os palhaços, as bailarinas, seus animais exóticos, pernas de pau, pirofagistas, anões e saltadores que seguem a charanga<sup>5</sup>, cantando, dançando e transformando a cidade em um palco festivo de riso e de alegria. Os cortejos circenses podem ser realizados na chegada do circo ou durante sua temporada, dificilmente na saída, pois assim ele deixa um gosto de saudade, alegria e fantasia. Diferentemente, acontece em Festivais, Palhaceatas ou Cortejos Cênicos onde esta grande festa nas ruas é realizada sob a forma de encerramento.

## ESTRUTURA DO CORTEJO CIRCENSE

O Cortejo Circense pode começar com um perna de pau, um palhaço ou a própria charanga que com um megafone começa a chamar a garotada:

*Hoje tem espetáculo?*

*Tem, sim senhor!*

*Hoje tem marmelada?*

*Tem, sim senhor!*

*E o palhaço, o quê é?*

*É ladrão de mulher!*

*E o Palhaço o que foi?*

*É ladrão de boi!*

*O raia o sol, suspende a lua...<sup>6</sup>*

O cortejo começa a tomar volume com as crianças, os palhaços, os artistas, os carros com os animais, a charanga e todos aqueles que compõem o circo. Esta estrutura varia de acordo com cada circo, o que importa é o impacto causado na cidade, a quebra da rotina transformando um dia comum, em um dia Festivo, pois o circo pode chegar a qualquer hora do dia, em qualquer dia da semana. De

<sup>5</sup> Charanga – banda musical do circo.

<sup>6</sup> Cantiga circense popular, que de acordo com cada localidade, pode ser modificada, por conta da estrutura de pergunta e resposta.



todos os elementos e componentes do cortejo, só não pode faltar dois: o palhaço e o perna de pau, em muitos casos os circos realizam seus cortejos somente com estes dois personagens. Arrelia, um dos mais importantes palhaços brasileiros, detalha como era realizado o cortejo na chegada do circo nas cidades:

A mídia do circo era diferente das demais – aliás, como tudo que se refere ao circo. Ao chegarmos a uma cidade havia necessidade de divulgarmos a nossa presença. E isso era feito de uma forma jocosa e espalhafatosa. Escolhíamos dois participantes do elenco e, devidamente maquiados e vestidos de palhaço, eles saíam às ruas. Iam montados em burricos a fazerem o maior alarido. Ficavam em posição contrária à cabeça do animal, voltados para o rabo. À frente, iam vários garotos da cidade, anteriormente chamados com a promessa de entrada gratuita aos espetáculos. Era eu quem escolhia os garotos, uns vinte, e ainda pintava um sinal vermelho na testa para poder identificá-los depois. E para isso também ganhavam alguns trocados. Por onde passava, o cortejo ia aumentando. Mais crianças e até adultos iam aderindo e aprendendo o refrão de respostas à chamada dos palhaços:

- Olê, olê, olá!!
- O palhaço vai passar!
- O sol, o vento, levanta o pano
- Vem o palhaço americano
- Hoje têm espetáculo?
- Tem sim, senhor
- O palhaço o quê é?
- Ladrão de mulher
- O palhaço o que é?
- Ladrão de mulher.

E isso era repetido e repetido enquanto atravessavam a cidade. Os moradores iam à janela, à porta de suas casas, sorriam e sonhavam com uma nova alegria. Nós, do circo, olhávamos o céu, vigilantes e rezávamos para que os dias continuassem lindos e não houvesse chuvas. (SEYSEL, 1997, p. 108 e 109).

Outro que também descreve como era chegada do circo é o Palhaço Picolino II no livro *Circo Nerino*: “A própria chegada do circo nas cidades era uma festa, um espetáculo em si. Muita gente ia à

estação<sup>7</sup> dar boas vindas à companhia. Geralmente, a banda de música contratada para acompanhar os espetáculos também estava lá, tocando um dobrado<sup>8</sup>” (TAMAOKI; AVANZI, 2004, p. 49).

No filme “O Maior Espetáculo da Terra” vencedor do Oscar de 1952, dirigido por Cecil B. DeMille, o cortejo circense é caracterizado por uma necessidade surgida após uma tragédia com um grande circo norte-americano, onde o trem que transportava toda estrutura circense, inclusive os artistas, descarrila. Como o “show não pode parar” os circenses, no filme, entram na cidade em grande estilo, realizando um grande cortejo, ou um grande espetáculo pelas ruas da cidade.

O filme traz a solução para um problema que aconteceu com o circo, da mesma forma os circenses, mais especificamente no Nordeste, se utilizam dos números mais atrativos do seu espetáculo para realizar seus cortejos.

#### Circo Iquilone.

Este circo surgiu em 1964, quando o palhaço Cadillac deixou de ser fotógrafo “lama-lambe” em Recife (PE) e montou uma trupe com sua família. A princípio era a Trupe dos Silva, eles se apresentavam em praças, ruas, galpões e outros espaços. Depois, quando adquiriram uma lona, passou a ter o nome de Inquilone Circo. Assim, o Circo Iquilone na década de 70 realizava um cortejo circense com os personagens da comédia “O Casamento do Palhaço” e saíam pela cidade em caminhões enfeitados com palhas. Nesta época, esta comédia, encenada em muitos circos até hoje, atraía um público muito grande. Por isso, utilizavam esta temática para os seus cortejos. Dona Neide, filha de Cadillac, em depoimento, disse “que os artistas se vestiam, se maquiavam subiam na Marinete toda enfeitada e desfilavam pela cidade, atraindo um público, prin-

<sup>7</sup> Estação de trem, pois nesta época (década de 1930) circos grandes como é o caso do Nerino, viajavam de “Maria-Fumaça”.

<sup>8</sup> O dobrado - marcha cívica tradicional que tem sua origem ligada à música militar. Estilo musical que compõe o repertório de várias bandas de música brasileira. Esta afirmação encontra base nas pesquisas que o musicólogo Curt Lange fez sobre as nossas bandas bem como também em estudos feito por outros pesquisadores que se aventuram neste campo. Ver <http://maestrorochasousa.blogspot.com/2009/05/o-dobrado-1.html>

cipalmente de meninos, que corriam atrás do caminhão”. Este cortejo, eles faziam quando o circo já estava instalado na cidade e antes de possuírem um caminhão, faziam da mesma forma, só que em uma carroça.

### **CIRCO WASHINGTON**

Já no início de 2000 tive a oportunidade de ver um cortejo do Circo Washington. Este circo na verdade tem o seu início no circo Iquilone, pois foi herdado pelo filho de Cadillac, mais conhecido como Zinho. Na década de 80, após trocar várias vezes de nome, o circo recebe o nome de Washington, por contado neto mais novo do palhaço Cadillac. Eu realizava uma pesquisa, sobre as técnicas do circo e este estava instalado na cidade de Curaçá (BA). No final de uma tarde de sábado, os circenses locaram um carro de som, que possuía uma plataforma superior, de forma que as bailarinas do circo pudessem ficar em cima. Elas vestiam roupas, tais quais as bailarinas do programa do Gugu (nesta época exibido no SBT). Enquanto elas dançavam, o locutor ia chamando todos para assistir ao espetáculo e ver no encerramento as “lindas bailarinas, na Banheira do Gugu”.

Da mesma forma que na década de 70, as crianças iam correndo atrás do caminhão, gritando e fazendo o maior alarido.

### **CIRCO BISMARCK**

O circo Bismark, surgiu por volta da década de 80, também como herança do circo do Palhaço Camarão. No ano 2000, quando estive neste circo, o cortejo realizado por eles era feito na chegada do circo, pois possuía baús e caminhões pintados, além de uma jaula com um belíssimo tigre. A grande atração do cortejo deste circo era o tigre. Adultos e crianças seguiam o circo até o terreno aonde este iria se instalar, só para ver o tigre. Todos seguiam em um misto de admiração, medo e curiosidade, enquanto o locutor ia anunciando e chamando todos ao espetáculo. Durante o espetáculo, o tigre não entrava no picadeiro, ele na verdade era uma forma de atrair o público ao circo.

### **CIRCO TEATRO DA ALEGRIA**

Na visita a este circo no ano de 2008, soube que os proprietários do circo eram dois irmãos que saíram do circo do pai e montaram o próprio circo. Eles não tinham muito tempo de itinerância, estavam com o circo há dois meses, porém possuíam a experiência de quem nasceu em circo. O circo estava no vilarejo de Entroncamento de Lage (BA). O circo era pequeno e possuía poucos artistas, quem saía para fazer o cortejo era o palhaço na perna de pau. O pequeno vilarejo era percorrido em pouco tempo pelo palhaço. As crianças saíam correndo atrás, algumas queriam derrubar o palhaço, outras tinham medo e outras só queriam se divertir. Mas, os outros artistas ficavam ao lado para que nada acontecesse. A novidade, de qualquer forma, e era anunciada pelas próprias crianças aos moradores, pois muitos nunca tinham visto “um homem tão alto”. Neste sentido, o pequeno circo cumpria sua função de espetacular e festivo.

Variadas são as formas de apresentação deste cortejo festivo, tendo sempre em comum a função de atrair o público para o sempre “grande espetáculo”.

O cortejo circense, também conhecido como “Carreata”, “Passeata” ou “Caravana” pode ser também um elemento surpresa como afirma Roger Avanzi:

Na terça-feira de manhã, quando os caminhões do Nerino iam saindo, os do Bouglione iam chegando. A caravana deles tinha uns quarenta carros, de todos os tipos: de moradia, de propaganda, de material, de animais. Ficamos de queixo caído, deslumbrados com aquele império. A única decepção é que nós, que queríamos tanto ver os animais, materiais e aparelhos, não vimos nada. Porque todos os carros eram fechados, e o pouco material que ficava à vista estava encapado, inclusive o mastro. (Avanzi e Tamaoki, Circo Nerino, pág. 214,2004)

Estes exemplos ilustram o quanto o circo é dinâmico na sua forma de atrair o público. E não há nada mais atrativo, do que uma festa na chegada dos circos.



## CONCLUSÃO

Seja com elementos modernos e sofisticados, seja com elementos tradicionais e antigos, o cortejo circense sempre anuncia de alguma forma o espetáculo. A comunicação direta com a população local traz saudosismo para aqueles que já viram o circo, assim como traz novidades para aqueles que nunca participaram de um cortejo circense.

O Cortejo Circense é uma Grande Festa, que acontece nas ruas “perturbando” a rotina dos habitantes de uma cidade, trazendo personagens exóticos, números incríveis, risos de alegria ou de zombaria. É através desta “chegada circense” que os artistas irão medir a receptividade do público, a aceitação ou não do seu espetáculo. O espetáculo que será apresentado mais tarde deverá continuar neste clima de festa estabelecido pelo cortejo. Por isso, o trajeto inicial tem grande importância, iniciando a composição do imaginário de um espetáculo circense.

A permanência na cidade e a manutenção da vida artística no circo dependem da receptividade do seu espetáculo. Neste sentido, o Cortejo Circense tem uma importante função de agregar o público reunindo nas ruas os elementos circenses, mudando o espaço físico para um grande palco. A espetacularidade desta chegada também foi tema de um espetáculo da companhia mundialmente famosa, o Cirque du Soleil, intitulada Corteo. A companhia apresenta através de um cortejo fúnebre, um grande espetáculo que resgata toda a vida do moribundo. Em um espetáculo, no qual, a vida e a morte se transformam em um ciclo que se funde. Comparo a vida circense a uma eterna morte dos preconceitos, do “sério”, do “sóbrio”, do formal, das coisas pré-estabelecidas para um renascimento do riso, da interação social, do grotesco, da libido, da quebra das regras formando um eterno ciclo onde as coisas nunca morrem, mas sempre renascem, sempre resurgem dando vazão a novas percepções da vida.

Há certas teorias que afirmam que o circo está morrendo. Só haverá morte do circo, se houver a morte do riso, da cultura, da expectativa, da vontade de se superar cada dia mais. Há circos que não realizam mais os cortejos, por uma série de razões específicas, mas estes cortejos são lembrados em espetáculos que contam a história do circo; pelas crianças, quando inventam histórias; nos festivais,

nos encontros circenses, nas palhaceatas. Por isso, o cortejo circense festivo, é um elemento essencial na composição do imaginário circense.

A Grande Festa Circense renasce a cada novo espetáculo, a cada nova cidade, a cada nova pessoa, a cada nova criança, a cada novo palhaço... e o “espetáculo não pára ... e o espetáculo continua”.

## REFERÊNCIAS:

- AVANZI e TAMAOKI, Roger e Verônica. *Circo Nerino*. São Paulo: Pindorama Circus: Códex, 2004, p. 351.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Trad. L. F. Raposo Fontenelle. Rio de Janeiro: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 235.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Plural Editora e Gráfica, 1998, vol. VI e VII.
- HEERS, Jacques. *Festas de loucos e carnavais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- IDART. *Circo Paulistano Arquitetura Nômade – Pesquisa 9*. São Paulo: IDART, 1980.
- JANCSÓN, Stván e KANTOR, Íris (org.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. v.I. São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.
- LOBATO, Lúcia, OLIVEIRA, Erico J. S. de. *FESTAS. Cadernos GIPE-CIT. N° 20*. Salvador: UFBA/PPGAC, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedraço: cultura popular e lazer na cidade*. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, vol.1, p. 199.
- MINOIS, Georges. *A História do Riso e do Escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: editora UNESP, 2003.
- PANTANO, Andréia Aparecida. *A Personagem Palhaço*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. J. Guinsburg et al. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SEYSSEL, Waldemar. *Arrelia: uma autobiografia*. São Paulo: IBRASA, 1997, p. 162.

